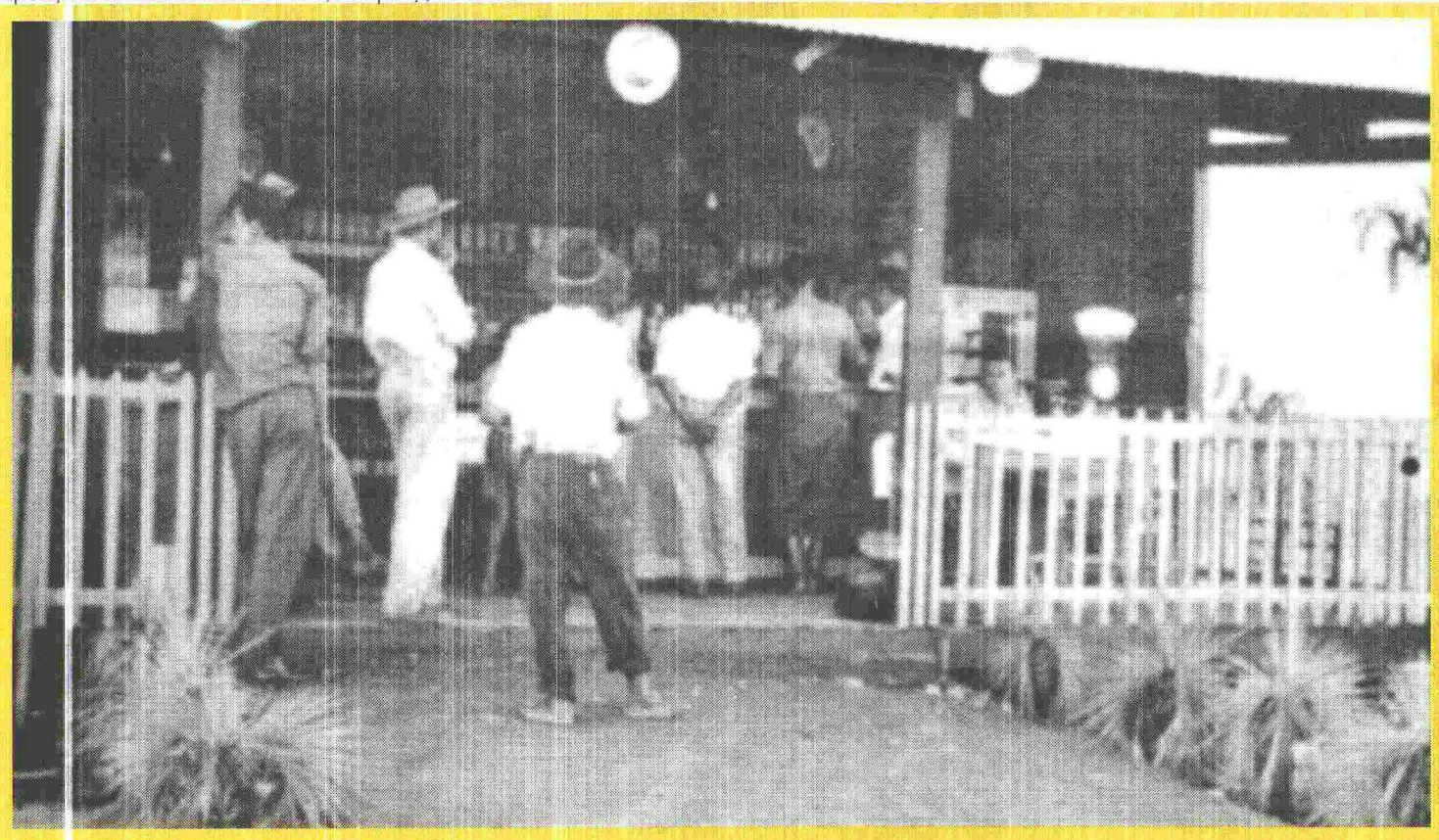


João Alcides Homar

O talento para o desenho trouxe o pioneiro para a cidade que nascia em 1957. Aqui ele foi responsável pelas plantas das granjas que abasteceriam o Distrito Federal, além do projeto urbanístico do Park Way e das Mansões Dom Bosco

Uma terra de muito trabalho e oportunidades

Reprodução do livro História de Brasília - Um sonho, uma esperança, uma realidade



NA CIDADE LIVRE, JOÃO SE SENTIU COMO NUM FILME DE FAROESTE

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O espírito de pioneirismo está no sangue deste desbravador. E não é por menos. O avô de João Alcides Homar foi um dos responsáveis pela abertura da fronteira do Centro-Oeste com a construção da ferrovia que ligava o Triângulo Mineiro a Goiás — a Araguari-Anápolis.

Com o pai Nicolau, de origem russa, e a mãe Adelina, o pequeno João saiu da cidade de Araguari rumo a Goiás quando tinha apenas três anos de idade. Após concluir o ginásio no Liceu de Goiânia, o sonho de fazer carreira na Aeronáutica levou o jovem estudante ao Rio de Janeiro, onde cursou o científico. Mas o sonho de se tornar engenheiro da Aeronáutica teve de ser abandonado após sofrer um acidente aéreo na época da incorporação. A volta para Goiânia significou vida nova para João Alcides, que descobriu seu talento com o desenho.

A cidade promissora que nascia bem ao lado era um convite para o jovem empreendedor que buscava melhores oportunidades. “Eu queria muito trabalhar em Brasília”, afirma o então funcionário da Secretaria de Viação e Obras do Estado de Goiás. O desenhista trabalhava no Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Estado. “Nessa época, eu

estava fazendo o desenho da área onde hoje está o Catetinho, quando um colega me disse que estava montando o Departamento de Topografia de Brasília e que precisavam de um desenhista”. Amigo do governador de Goiás, José Lúcio de Almeida, a vinda de João Alcides para a nova capital, em dezembro de 1957, era quase certa. Uma carta de recomendação do governador, para ser encaminhada ao engenheiro Bernar do Sayão, era tudo que ele trazia. Era muito difícil falar com ele. Mas eu tive tanta sorte que assim que desci do ônibus, naquela tarde, dei de cara com o en-

genheiro”. Satisfeito, o pioneiro mostrou o bilhete a Sayão que o encaminhou logo ao Dr. Travassos, chefe do Departamento de Viação e Obras da Novacap, que afirmou que a vaga era para o Departamento de Terra e Agricultura — DTA. O primeiro emprego na capital não seria difícil.

A chegada ao Núcleo Bandeirante, porta de entrada de muitos pioneiros, também impressionou o mineiro. “Aqui era tudo diferente. Ainda mais para quem vinha de uma cidade como Goiânia, com ruas e tudo mais. A cidade parecia um cenário de filme de faroeste”, lembra. O comércio,

os bancos, a poeira, a rusticidade das habitações e o vai-e-vem dos visitantes, vestidos a caráter, era a primeira imagem que os visitantes tinham ao desembarcar nessas terras. “Mas, em nenhum momento pensei em voltar. Só vim para cá porque acreditava no futuro da cidade, assim como todos que vieram trabalhar aqui”.

O Hotel Souza foi o primeiro endereço do desenhista. “Eu fiquei lá apenas uns dias, até me mudar para o acampamento da Novacap, na Candangolândia”, conta o novo morador que dividiu o quarto com mais dois colegas.

O teste, para o ingresso no DTA foi feito junto à equipe do arquiteto Lúcio Costa, e é lembrado nos detalhes. “Me pediram para fazer uma cópia da fachada do Palácio Alvorada”. Aprovado no teste, ele começou a trabalhar lá no mesmo dia e com a promessa de ganhar o dobro do salário.

Foi no Departamento de Terra e Agricultura que ele, ao lado dos demais colegas, realizou grandes

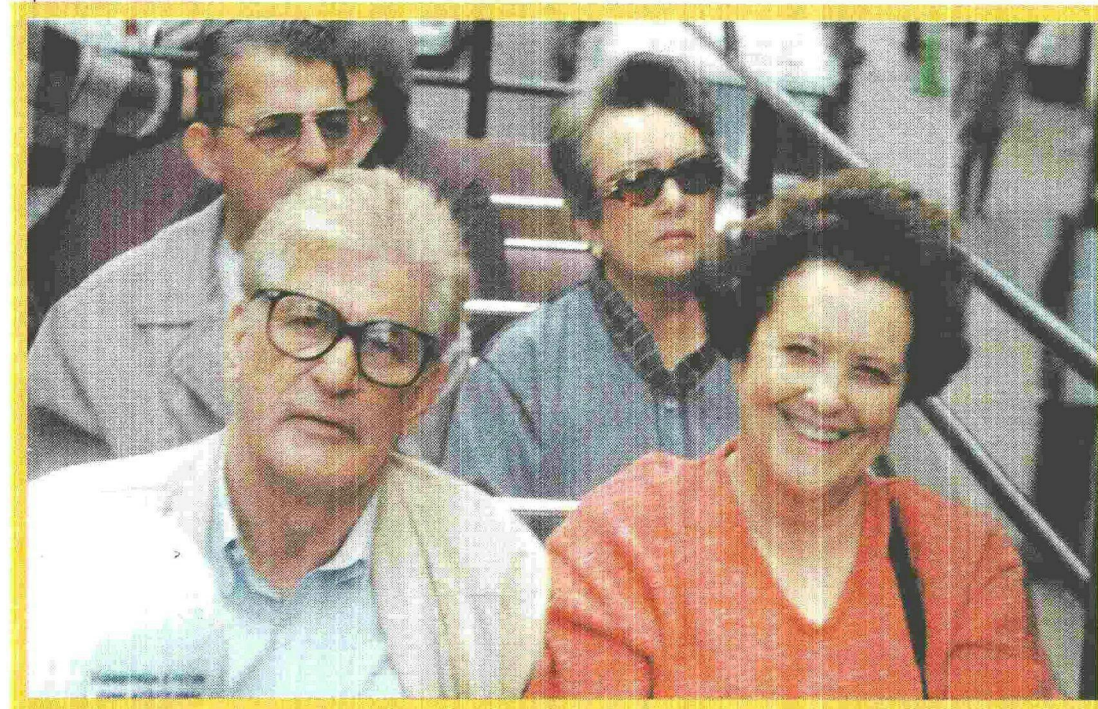
projetos. “Fizemos todas as plantas das granjas do Distrito Federal.” O desenhista foi responsável pelos projetos da Granja do Ipê e Granja do Torto, além do projeto de urbanismo das Mansões Dom Bosco e Park Way. “As granjas faziam parte do programa de abastecimento da região — na do Ipê seria implantada a fruticultura e na do Torto a criação de gado.”

Com talento de sobra e agilidade nos traços, o desenhista lembra de um fato inusitado quando ainda trabalhava no DTA, durante os preparativos de um seminário sobre os programas de abastecimento da nova capital. Enquanto desenhava os gráficos que seriam utilizados na palestra, o funcionário da Novacap acabou levando um grande susto. “Eu estava concentrado no trabalho, quando de repente alguém bate nas minhas costas e pergunta: Como é que é, vai dar para terminar isso a tempo?” Era Juscelino Kubitschek. “Eu nunca tinha visto um presidente de perto na minha vida”, conta emocionado. “Juscelino era muito popular. Me lembro quando ele costumava almoçar no SAPs (restaurante) e pousava de helicóptero num campinho de futebol que existia ali do lado. Os operários acabavam de almoçar e iam jogar uma pelada e aí quando ele chegava era uma loucura, todo mundo queria cumprimentá-lo e os guardas tinham que chegar e afastar o pessoal”, recorda o ex-administrador do Núcleo Bandeirante.

A vinda da família

A estabilidade no emprego garantiu a vinda da família de João

Arquivo Pessoal



JOÃO COM A ESPOSA SONY EM MOMENTO DE DESCONTRAÇÃO

“AQUI ERA TUDO DIFERENTE. AINDA MAIS PARA QUEM VINHA DE UMA CIDADE COMO GOIÂNIA, COM RUAS E TUDO MAIS. A CIDADE PARECIA UM CENÁRIO DE FILME DE FAROESTE”

Alcides que naquela época era tudo feito às pressas e de forma manual, nem máquinas de escrever eram utilizadas. Segundo ele, o tipógrafo acabou se tornando um dos melhores topógrafos da região. “Brasília foi es- cola para muita gente”, afirma.

O esforço e o desejo de aproveitar as oportunidades que aquela cidade oferecia a quem por ela dava o seu suor, levou o arquiteto a ocupar postos mais altos. Além de administrador da Cidade Livre, que naquela época já era conhecida como Núcleo Bandeirante, João Alcides Homar foi secretário adjunto de Indústria e Comércio do Distrito Federal, diretor técnico da Terracap e diretor do Sistema de Esgoto da Caesb.

Aposentado, o morador da Vila Planalto, onde vive há mais de 20 anos, orgulha-se de seu passado marcado por muito trabalho, companheirismo e dedicação em prol da construção de Brasília. Isto acabou lhe rendendo homenagens e seu maior patrimônio: a família. “Só tenho a agradecer a esta cidade. Aqui eu me formei e constitui uma família — os filhos Claus, Cléber, Clei, Cleon e os netos nasceram em Brasília. Se eu sou alguém hoje eu devo isso tudo a essa cidade”, declara.

O Diploma da Instalação do Governo Federal em Brasília e as Medalhas do Mérito Alvorada e do Mérito Santos Dummont são as maiores provas do reconhecimento da sociedade pelos anos de luta do pioneiro.

Raio X

Nome: João Alcides Homar
Idade: 70 anos
Origem: Araguari, Minas Gerais
Ano de chegada a Brasília: 1957
Profissão: Arquiteto
Estado Civil: Casado
Esposa: Aversony Gonçalves Homar
Filhos: Clisses, Cleide, Claus, Cléber, Clei e Cleon
Netos: Fabianne, Philipe, Lavinne, Sabrinne, Caio e Raphael